



ARTE CINEMATOGRAFICA COMO INSTRUMENTO DE REPRESENTATIVIDADE PARA O MASCULINO

*Samuel Alexandre de Almeida Batista*¹
*Priscila Laissa Toledo*²
*Tania Maria Gomes da Silva*³

Afiliação: ¹ Acadêmico do Curso de Psicologia, Campus Maringá-PR, Universidade Cesumar - UNICESUMAR. Bolsista PIBIC/ICETI- UniCesumar. sammalex27@gmail.com

Afiliação²: Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Promoção da Saúde, Campus Maringá-PR, Universidade Cesumar - UNICESUMAR. prih_toledo@hotmail.com

Afiliação³: Docente do Programa de Pós-graduação em Promoção da Saúde, Campus Maringá-PR, Universidade Cesumar - UNICESUMAR. tania.gomes@unicesumar.edu.br

RESUMO

A pesquisa em desenvolvimento busca compreender a arte cinematográfica como instrumento de representatividade da masculinidade e suas implicações na constituição subjetiva e social. Entende-se que a masculinidade não corresponde a uma essência fixa, mas a uma construção histórica e cultural atravessada por normas, símbolos e afetos. O cinema, nesse contexto, configura-se como um dispositivo cultural que tanto reproduz estereótipos quanto possibilita deslocamentos simbólicos, ao mobilizar narrativas visuais que dialogam com o cotidiano e ampliam o repertório sobre identidades diversas. O estudo parte da crítica ao modelo hegemônico de masculinidade, tradicionalmente associado à força, racionalidade e invulnerabilidade, o qual sustenta desigualdades de gênero e produz impactos na saúde mental dos homens, conforme apontam estudos de gênero e a psicanálise. A análise fílmica se apoiará em obras nacionais e internacionais que tensionem a representação masculina, acompanhada de questionários online e rodas de conversa com participantes. O material será examinado por meio da técnica de análise de conteúdo, buscando identificar percepções, deslocamentos e ressignificações nas leituras dos sujeitos. Espera-se evidenciar como as imagens do cinema podem ser interpretadas, colaborando para a desconstrução de modelos hegemônicos e para a promoção de formas plurais e éticas de ser homem.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema; Equidade de gênero; Masculinidade; Saúde; Subjetividade.

1 INTRODUÇÃO

A arte cinematográfica tem se consolidado como um poderoso instrumento de representatividade, capaz de refletir, questionar e transformar realidades sociais. Por meio de narrativas visuais, o cinema dá voz a grupos heterogêneos, os quais permitem a identificação ou afastamento daquele que assiste e amplia o repertório simbólico sobre identidades diversas e promove o reconhecimento de experiências plurais. Ao construir personagens complexos e situações que dialogam com o cotidiano, os filmes não apenas entretêm, mas também educam, sensibilizam e provocam reflexões profundas sobre gênero, raça, classe, sexualidade e outras dimensões da existência humana.

Assim sendo, o cinema, por sua vez, apresenta-se como um dispositivo cultural privilegiado para problematizar questões sociais, tais como a representatividade da masculinidade. Conforme Mulvey (1983), o cinema narrativo clássico foi estruturado a partir de um olhar masculino, no qual a mulher é frequentemente posicionada como um objeto passivo de prazer visual (escopofilia), enquanto o homem se mantém como o sujeito ativo da narrativa e do olhar. Essa dinâmica visual, embora focada na representação feminina, é crucial para compreender o modo como o cinema pode reforçar o lugar de poder do homem na sociedade. Assim, mais do que reproduzir estereótipos, as imagens fílmicas acionam afetos e identificações, permitindo que os espectadores interpretem narrativas sobre o sujeito (Weinmann, 2017). Ao mesmo tempo em que pode reforçar normas hegemônicas, o cinema também abre espaço para o questionamento.



Dessa forma, ao reconhecer o cinema como um espaço simbólico que tanto reproduz quanto tenciona normas sociais, torna-se possível aproximá-lo das discussões contemporâneas sobre masculinidades. A representação masculina nas telas, muitas vezes marcada por estereótipos de força, racionalidade e não-vulnerabilidade, dialoga diretamente com os ideais da masculinidade hegemônica que vêm sendo criticadas por diversas áreas do conhecimento. Ao mesmo tempo em que reforça padrões, o cinema também pode funcionar como um campo fértil para a ressignificação desses modelos, especialmente quando propõe narrativas que desafiam a rigidez dos papéis de gênero.

A masculinidade, historicamente concebida como um conjunto fixo e naturalizado de atributos, vem sendo problematizada por diferentes campos do saber, em especial pelos estudos de gênero e pela psicanálise. A noção de masculinidade hegemônica, associada à força, ao controle das emoções e à negação da alteridade, constitui um dispositivo de poder que sustenta desigualdades de gênero e impacta de forma significativa a saúde mental dos homens (Bourdieu, 1998; Butler, 2003; Baére; Zanello, 2020). Autores como Welzer-Lang (2001) destacam que a construção do masculino se organiza pela recusa do feminino, instaurando práticas de violência que atravessam os processos de socialização. Do ponto de vista psicanalítico, a internalização de ideais rígidos de gênero pode gerar crises simbólicas, manifestadas em sofrimento psíquico, violência ou melancolia (Freud, 1920; Lacan, 1998). Nesse sentido, refletir sobre as masculinidades torna-se essencial para compreender como o sujeito masculino se constitui entre imposições normativas e possibilidades de ressignificação.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Este texto integra uma pesquisa de iniciação científica em andamento, que adota uma abordagem qualitativa voltada à compreensão das representações da masculinidade no cinema e suas repercussões na constituição subjetiva dos espectadores. Parte-se do entendimento de que o cinema constitui uma linguagem própria, estruturada por signos, códigos, imagens, sons e montagem, capazes de produzir significados complexos (Metz, 1980; 1985). A metodologia qualitativa, nesse contexto, busca interpretar os conteúdos simbólicos presentes nas obras fílmicas, reconhecendo o cinema como uma linguagem inconsciente e imaginária, capaz de evocar desejos, medos e fantasias que habitam a psique de quem assiste (Weinmann, 2017).

A análise será conduzida a partir da seleção de uma filmografia composta por obras nacionais e internacionais que evidenciam tensões entre a masculinidade e o eu, ampliando o campo crítico de investigação. O objetivo é captar as percepções do público sobre as imagens do masculino no cinema contemporâneo. Para isso, a coleta de dados será realizada em duas etapas complementares: aplicação de questionários online e realização de rodas de conversa presenciais. Esses instrumentos permitirão acessar impressões subjetivas, interpretações simbólicas e sentidos compartilhados pelos participantes. Todo o material obtido será organizado e submetido à análise, com categorização temática voltada à identificação de padrões discursivos, deslocamentos e ressignificações das imagens do masculino no cinema contemporâneo. Aqui se apresenta informações da primeira etapa que é a análise do material bibliográfico que sustenta a pesquisa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A arte cinematográfica, ao se consolidar como um instrumento de representatividade, revela seu potencial não apenas como forma de entretenimento, mas como um campo simbólico capaz de refletir e transformar realidades sociais. Por meio de narrativas visuais, o cinema constrói personagens e situações que dialogam com o



cotidiano, permitindo que o espectador se identifique ou se afaste das experiências retratadas. Essa dinâmica, contribui para que se amplie o repertório simbólico sobre identidades diversas, como também promove o reconhecimento de subjetividades plurais.

Nesse ínterim, em relação à masculinidade, tem-se o cinema como um dispositivo cultural, que possibilita o questionamento de modelos hegemônicos, os quais historicamente associam com a ideia de masculino e do que se espera desse gênero, tais como atributos como força, racionalidade e invulnerabilidade. Assim sendo, a representação masculina no cinema, portanto, não é neutra. Ela carrega marcas de uma construção social que exclui a alteridade e reforça padrões rígidos de comportamento. Essa lógica reforça padrões, contudo, ao mesmo tempo, o cinema também pode operar como espaço de ruptura e ressignificação. Ao apresentar personagens masculinos em situações de vulnerabilidade, cuidado ou sensibilidade, ele desafia os estereótipos e abre caminho para novas formas de ser homem. Essas narrativas tensionam os modelos tradicionais e permitem que o espectador reflita criticamente sobre os impactos dessas normas na constituição subjetiva.

A análise das masculinidades sob a perspectiva dos estudos de gênero e da psicanálise revela que os ideais hegemônicos não apenas sustentam desigualdades sociais, mas também geram sofrimento psíquico. A recusa do feminino como base da construção do masculino, conforme aponta Welzer-Lang (2001), instaura práticas de violência e silenciamento emocional que atravessam os processos de socialização. Do ponto de vista psicanalítico, a internalização desses ideais pode resultar em crises simbólicas,

Nesse contexto, refletir sobre as masculinidades no cinema é mais do que uma análise estética: é um exercício crítico que permite compreender como os sujeitos masculinos são moldados por discursos normativos e como podem encontrar, nas imagens fílmicas, possibilidades de deslocamento e reinvenção. O cinema, ao acionar afetos e identificações, torna-se um espaço potente para o questionamento das normas de gênero e para a promoção de masculinidades mais plurais, sensíveis e inclusivas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cinema, enquanto dispositivo cultural, revela-se não apenas como reprodutor de modelos hegemônicos, mas também como espaço fértil para o questionamento e a construção de novas narrativas. Ao mobilizar afetos, identificações e deslocamentos simbólicos, a linguagem cinematográfica possibilita outros olhares sobre o ser e o fazer no mundo, ampliando as possibilidades de existência e expressão. Refletir sobre o masculino a partir das imagens fílmicas permite tensionar os padrões normativos que sustentam desigualdades de gênero, abrindo caminho para a ressignificação das masculinidades em direção a formas mais plurais, sensíveis e éticas.

Em relação aos dados que serão obtidos, estes serão interpretados com cautela, pois as percepções dos participantes são atravessadas por contextos sociais, culturais e subjetivos diversos. Espera-se que os resultados contribuam para o debate acadêmico sobre masculinidades, fortalecendo o diálogo entre psicanálise, estudos de gênero e cultura visual. As considerações desta pesquisa não encerram o tema, mas apontam para sua relevância social e acadêmica, reforçando a necessidade de investir em práticas críticas e reflexivas que promovam masculinidades mais plurais, saudáveis e éticas.

REFERÊNCIAS

BAÉRE, Fernanda; ZANELLO, Valeska. Suicídio e masculinidades: uma análise por meio do gênero e das sexualidades. *Psicologia em Estudo*, v. 25, e44147, 2020.



BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer (1920). In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, Jacques. *O seminário: livro 11 – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

METZ, Christian. *O significante imaginário: psicanálise e cinema*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980.

METZ, Christian. *A significação no cinema*. São Paulo: Perspectiva, 1985.

MULVEY, Laura. Prazer visual e cinema narrativo. In: XAVIER, Ismail (org.). *A experiência do cinema*. Rio de Janeiro: Graal, 1983. p. 436-454.

WEINMANN, Amadeu O. Sobre a análise fílmica psicanalítica. *Revista Subjetividades*, v. 17, n. 1, p. 1-11, 2017.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001.